

São Francisco Xavier

A Sua Vida e o Seu Tempo {1506 • 1552}

Edição patrocinada por



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FUNDAÇÃO
ORIENTE

MINISTÉRIO DE ESTADO E DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL

MINISTÉRIO DA ECONOMIA E INOVAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA

COMISSARIADO GERAL DAS COMEMORAÇÕES
DO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE S. FRANCISCO XAVIER

Lisboa
Cordoaria Nacional
2006





V.S. FRANCISCO XAVIER E A INDIA
 Mapa de Deus Brites Mavoso
 Universidade de Coimbra

Mapa de Goa [...]
 1570
 1570

Há mais de quatro meses que chegámos a Goa, na Índia, cidade de todos os cristãos e coisa para se ver. Há um mosteiro, com muitos frades de S. Francisco e uma Sé muito honrada e de numerosos cônegos, e muitas igrejas. É para dar muitas graças a Deus Nosso senhor ver como o nome de Cristo floresce tanto, em tão alongadas terras e no meio de tantos infiéis.

FRANCISCO DE XAVIER, In Carta aos Jesuítas de Roma. Goa, 20 de Setembro de 1542. CSFX, pp. 11-12.

I. A Bula *Regimini Militantis Ecclesiae* de 27 de Fevereiro de 1540 assinala a criação oficial da Sociedade ou Companhia de Jesus, organizando em ordem canónica tanto o pensamento religioso como a acção espiritual comum que foi reunindo um activo grupo de alunos castelhanos, navarros, saboianos, bascos e portugueses, estudantes em Paris no colégio de Santa Bárbara. Tratava-se sobretudo de estudantes ibéricos de uma Europa assistindo à definitiva divisão do Céu Cristão que, repartindo-se entre o catolicismo romano e várias igrejas e confissões protestantes, exigia renovados esforços evangélicos tanto como a abertura de novos caminhos de militância católica. A este grupo organizado em torno de Inácio de Loyola se deve a investigação de uma *ratio* para o estudo e a acção católicas, depois vertida em *corpus* organizado de ordenamento religioso e espiritual apostado na elevação de um novo modelo evangelizante. Inflammados pelo desejo da peregrinação a Jerusalém, unidos pela propagação da Fé entre os infiéis, associados também pela necessidade de polémica com os protestantismos, encaravam a urgência fundamental de ensinar exemplarmente todos aqueles que não estavam verdadeiramente instruídos na doutrina cristã. Mais importante ainda, a fundação canónica da nova Companhia religiosa acabaria por irradiar uma ampla evangelização dos espaços e sociedades não-europeus, encontrando precisamente nos espaços ultramarinos frequentados pelas conquistas e tratos ibéricos uma das grandes polarizações e novidades do seu carisma e ordem religiosos. Assim nasceria essa ideia de *missão* que, subjacente ao impulso evangélico das origens da Companhia, se começou por organizar em torno de uma dinâmica concepção de “conquista espiritual” com que se procurava converter à fidelidade da Igreja de Roma todo aquele que “simplesmente” ignorava ou se havia afastado das doutrinas católicas. A vocação da Ordem torna-se desde finais de Quinhentos fundamentalmente *missionária*, multiplicando-se por uma actividade de pregação e evangelização dirigida tanto para o coração, sobretudo rural, dos territórios europeus quanto para as culturas e populações das Américas e Ásias ibéricas que se pensava dominadas pela superstição, pela ignorância e pela idolatria. No interior do continente europeu e nos diferentes territórios de circulação ultramarina, as primeiras gerações de jesuítas, largamente inspiradas na acção evangélica de S. Francisco Xavier, tornam-se cada vez mais *viajantes* missionários: “sont donc composées de voyageurs, circulant pauperum more. L’unité profonde entre voyage et mission se marque d’ailleurs dans le vocabulaire même, le terme missio étant utilisé pour désigner toute forme de voyages”.¹

só foi fundado em 1548, o famoso Colégio de S. Paulo de Goa²⁰, ao qual ficaria anexo o antigo Seminário da Santa Fé. Juntamente com o grande colégio jesuíta de Macau, com uma esplendorosa igreja dedicada à Madre de Deus, foi um dos principais centros de cultura e educação católicas em toda a Ásia.²¹ Com estas instituições de formação religiosa, consolidou-se uma presença jesuíta constante e abrangente no Oriente, mobilizando uma nova preparação de religiosos que, como nos escreveu Xavier, não poderiam ser “pessoas fracas”, pois a Companhia tinha necessidade de gente de ânimo, aconselhando mesmo:

*“Nunca ordeneis na Companhia pessoas sem sciencias e virtudes aprovadas de muitos annos, pois tanta necessidade tem disso os sacerdotes da Companhia, por razão de seus institutos e ministérios e tantos e tantos inconvenientes se tem visto de contrário”.*²²

A partir da Índia, Xavier também apela aos jesuítas que se encontravam na Europa, em colégios tão prestigiados como a Sorbonne, para que partissem para o Oriente, lembrando quantas almas gentias ficavam por converter por falta de padres. Apelando à acção e criticando o recolhimento, colocava em prática o princípio central de disponibilidade permanente que, desde a sua génese, caracterizou a especificidade da militância religiosa proposta pela Companhia de Jesus.²³

III. Nos finais de Setembro de 1542, Francisco Xavier partia de Goa rumo a Tuticorim, aonde chega a 28 de Outubro,²⁴ inaugurando-se uma nova experiência da sua actividade religiosa na Índia. Tratava-se agora de penetrar numa área de fraca presença portuguesa²⁵ em que a circulação religiosa católica se encontrava limitada pelas autoridades oficiais locais, nomeadamente pelos poderes e investimentos de muitos capitães²⁶, embaraçada também por uma larga conflitualidade religiosa que envolveria mesmo os jesuítas e os seus modelos de comportamento. A partir desta experiência em espaços em que uma pregação militante contrariava as ambições dos tratos comerciais, tantas vezes laboriosamente entretidos, já não é possível continuar a destacar um único processo evangelizante ou de aculturação religiosa católica na Índia, compreendendo-se que a dialéctica de êxito ou fracasso da pregação jesuíta dependia também quase sempre do contexto político e cultural em que a sua acção se desenrolava. As comunidades cristãs existentes nos amplos espaços austrais da Índia – cristãos de S. Tomé²⁷ e paravas – encontravam-se dispersas e fora da alçada portuguesa, não conseguindo igualmente as actividades religiosas católicas mobilizar os recursos financeiros capazes de apoiar uma circulação continuada suportada em instituições, pessoal e equipamentos.²⁸ Assim, quando Xavier entrou em contacto com os cristãos de S. Tomé, insistiu na atribuição de meios para a construção de colégios católicos visando apoiar materialmente os cristãos locais e o sustento dos religiosos

Francisco Xavier escreve também sobre a necessidade de fixar um jesuíta na missão gramática e fizesse pregação dentro e fora do colégio aos dominantes de festa Epistolae S. Francisci vol. II, pp. 42.)

Para além do testemunho das cartas enviadas por Xavier, o tema é referido por outros autores: Alessandro – Historia Del Comercio Y Progreso de la Compañia de Jesus en las Indias Orientales (1542-1543), ed. Joseph Wicki S.I., vol. II, Instituto Historicum S.I., 1944, pp. 23 e 24. A chegada dos portugueses, encontraram-se submetidos aos reis, usando em vinte e duas casas e dividiam-se em duas castas. A primeira casta mais rica ordenava-se de barões, possuindo algumas propriedades de algodão, palmas e escarvas. Cada casta era formada de pescadores que quase não possuíam nada mais, apenas uma cabana de barro ou de madeira em alguns casos uma rede e um colchão. Elegiam entre os elementos mais acomodados ou principais os que governavam o grupo, os outros responsáveis um patangatin (barco) feito das povoações de paravas ainda pequenos grupos de pescadores que eram praticamente escravos indígenas.

Carta de Tuticorim, 28 de Outubro de 1542, Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, pp. 148 e 149.

Carta de Tuticorim, 28 de Outubro de 1542, Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, pp. 148 e 149. Passados dois anos, numa carta de Cochim, em 1544, Xavier escreve: “ter apenas cinco jesuítas depois que ‘testi’ foram enviados” (Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 174).

Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, pp. 148 e 149.

Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. I, pp. 148 e 149. Esta carta merece uma observação: Xavier critica a doutrina e o baptismo em português – em detrimento das línguas locais – e a utilidade futura mostra o seu entendimento e que a Companhia de Jesus tinha de alguns colégios e de uma casa à formação do clero.

Em Cochim, o jesuíta insiste em encontrar trabalho religioso para os cristãos das regiões em que a cristandade não tinha significado. Xavier reconhece muitas necessidades locais e declara-se contrário à possibilidade de disputas que poderiam existir com os hinduístas, obrigando-os, como o próprio Xavier reconhece, a reconhecerem os conhecimentos locais e as utilidades importantes.

Documentum Indica, Monumenta Historica Societatis Iesu, vol. 119, carta de Tuticorim, 1542.

(26) João Fernandes Correia, por exemplo, capitão na Costa da Pescaria, encontrava-se preso em Goa por extorquir dinheiro aos convertidos.

(27) Em carta de Cochim de 1549, refere duas igrejas em Cranganor, uma de devoção a S. Tomé e outra a Santiago que, possivelmente, seria frequentada pelos novos cristãos. Documenta-se também uma igreja dedicada a Santiago em Talambull, povo “pagão” convertido ao cristianismo. Aqui, os paravas não

No entanto, a comunidade há muito se encontrava afastada do rito romano e, atendendo ao seu relacionamento peculiar com a sociedade hindu, exigia a criação de sólidas estruturas catequéticas e de ensino que gradualmente pudessem apoiar a sua submissão a Roma. Por isso, Francisco Xavier encarou favoravelmente o trabalho desenvolvido pelo colégio de Cranganor, no qual estudavam cem filhos destes cristãos que se encontravam espalhados por sessenta lugares.²⁹ Nos anos seguintes, os jesuítas tentaram mesmo aprofundar o processo de *latinização* destes cristãos, mas devido às ameaças do poder local, ao receio de perderem muitos dos privilégios que usufruíam e, sobretudo, ao profundo enraizamento religioso e cultural do rito oriental, acabaram por se dissolver as pretensões da Companhia.

A seguir, Xavier também entrou em contacto com essa cristandade mais recente de paravas, reunindo comunidades de pescadores de pérolas da Costa da Pescaria.³¹ Para procurarem fugir ao poder muçulmano, na sequência das alterações que a presença portuguesa trazia à região, estes paravas converteram-se massivamente ao cristianismo entre os anos de 1521-1527, procurando abrigar-se à protecção das armas e armadas portuguesas em troca de um tributo. As descrições sobre a região e a população local sublinhavam quanto era urgente desenvolver uma actividade religiosa continuada para que esta comunidade convertida se tornasse convictamente cristã. Francisco Xavier ficou surpreendido com a ausência de portugueses, a pobreza das terras e, principalmente, com o profundo desconhecimento da doutrina cristã de uma comunidade desprovida de religiosos que a instruisse.³² Um dado cultural relevante destacado nas informações epistológraficas xaverianas remete para a verificação do modo social que estas populações tinham em se converter. Temendo represálias dos poderes locais e percebendo que o poder português não dispunha de autoridade governativa territorial, a cristandade demorava em aumentar³³. Os poderes não tinham a nova doutrina

apenas do ponto de vista dogmático, mas sobretudo as alterações que a mesma implicava na organização social local. Fruto destas circunstâncias, os textos de Xavier demonstram grande preocupação em relação à segurança desta cristandade, ameaçada tanto pela população hindu e pelos reis locais quanto pelos portugueses que se movimentavam nestes espaços com evidentes objectivos de exploração desta comunidade cristã. Mais ainda do que insegurança, trata-se de um processo de identidade social, cultural e religiosa que, face à pressão de outras identidades armadas com poderes políticos e religiões dominantes, interrogavam a própria estrutura da sua recente cristianização.

Todas estas particularidades e dificuldades do labor religioso destes primeiros jesuítas obrigaram Francisco Xavier a insistir no recrutamento de pessoas de *virtudes* “porque nestas partes pouco olham às letras e muito à vida”.³⁴ Também a dispersão em que se encontravam as cristandades, obrigando a deslocações constantes do jesuítas, somadas aos rigores do clima, levaram a que pedisse também homens com “fuerças corporales juntamente com las espirituales”.³⁵ Com o desenvolvimento da actividade jesuítica na Ásia, o tempo e os desafios vieram a demonstrar que Xavier tinha razão, descobrindo-se também posteriormente Valignano a recomendar um cuidado especial não só em relação aos sacerdotes, mas também aos Provinciais enviados para as regiões orientais, sublinhando que

*“no hay en toda la Compañia officio ninguno que requiera tantas partes juntas como el Provincial de la India, assi por la summa autoridad que tiene con los nuestros de casa y con los forasteros como por la diversidad de los negocios muy graves y pesados que tiene entre manos, teniendo a cargo no solo la Compañia que está tan dispersa por tantos reynos y provincias de diversas lenguas y custumbres, mas también tiene a su cargo toda la christandad y conversión que hay en los dichos reynos y provincias, y también por estar tan lexos de Roma, que de la yndia, que es más cerca, non se puede escribir y tener respuesta en menos de un año y medio, y de otras partes entre tres, quatro y cinco años”.*³⁶

(20) THOMAZ, Luís Filipe. De Ceuta a Timor, p. 255, indica o ano de 1557 como o da construção do Colégio de S. Paulo, mas todas as outras fontes documentais epocais validam a data de 1548.

(21) Sobre o colégio de Goa aconselhámos a leitura do nosso artigo Convergências e Divergências: O Ensino nos Colégios de Goa e Cochim durante os sécs. XVI-XVII (no prelo).

(22) REGO, A. da Silva – Documentação para a História das Missões do Padrão Português do Oriente (Índia), vol. IV, Lisboa, p. 156; ROMO, Eduardo Javier Alonso – Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier, BRAGA: Universidade do Minho/ Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p. 436. Fruto de um trabalho árduo e preparado, os jesuítas passariam a possuir na Índia, dentro do regime interno da Ordem, a Província do Norte, Goa, e a do Sul, Malabar, apre-

sentando esta dispersão de colégios: Província de Goa: Seminário de Santa Fé de Goa (1542); Colégio de S. Paulo (1548); Colégio de Jesus de Baçaim (1548); Colégio de Santo Inácio de Rachol (1574); Seminário de Rachol (ano da fundação desconhecido); Colégio das Onze Mil Virgens de Damão (1581); Colégio da Madre de Deus de Taná (1599); Seminário de Taná (1551); Colégio do Espírito Santo de Diu (1603); Colégio de S. Pedro e S. Paulo de Chaul (1611); Colégio da Ascensão de Moçambique (1613); Colégio de Nossa Senhora do Nascimento de Agra (1630); Escola de Bandorá (1576). Província do Malabar: Colégio da Madre de Deus de Cochim (1560); Seminário de Cochim (1560); Colégio de Malca (1576); Seminário de S. Cruz de Vaipicota (1584); Colégio de Coullão (séc. XVI); Colégio de Coullão (séc. XVI); Colégio de Tuticorim (séc. XVI); Seminário de Tuticorim (séc. XVI); Colégio de Meliapor (séc. XVI); Seminário de Meliapor (séc. XVI); Colégio de Temate

(séc. XVII); Colégio de Cranganor (séc. XVII); Colégio de Colombo (séc. XVII); Colégio de Jafanapatão (séc. XVII); Colégio de Bengala (séc. XVII); Colégio de Negapatão (séc. XVII); Colégio de Ambalacata (1633); Seminário de Ambalacata (1633); Colégio do Topo (séc. XVII). Este quadro panorâmico segue a informação recolhida em RODRIGUES, Francisco – A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões. Porto: Edições do Apostolado de Imprensa, 1935.

(23) Carta escrita em Cochim, 15 de Janeiro de 1544 (Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. I, pp. 166).

(24) Não iremos seguir a par e passo o percurso de Xavier, apenas referiremos no seu conjunto as principais observações sobre as actividades religiosas nesta região, em períodos diferentes, já que o jesuíta se deslocava com regularidade dentro da Índia, mas nem sempre deixou testemunhos documentais das suas passagens.

(25) Tuticorim tinha uma população heterogénea: cristãos e o que as fontes designam por gentios. Outra região a sul que mobilizava muitos cristãos era Cochim, mas a cidade apresentava-se como um território dividido em que Cochim de cima era povoada de hindus, muçulmanos e judeus. Em rigor, todas as comunidades cristãs das fortalezas e feitorias de circulação portuguesa no Sul da Índia estavam rodeadas de comunidades maioritárias não cristãs.

(26) João Fernandes Correia, por exemplo, capitão na Costa da Pescaria, encontrava-se preso em Goa por extorquir dinheiro aos convertidos.

(27) Em carta de Cochim de 1549, refere duas igrejas em Cranganor, uma de devoção a S. Tomé e outra a Santiago que, possivelmente, seria frequentada pelos novos cristãos. Documenta-se também uma igreja dedicada a Santiago em Talambull, povo “pagão” convertido ao cristianismo. Aqui, os paravas não

deixavam os novos convertidos em suas igrejas, obrigando à erecção de novo templo, em 1600. Xavier também nos descreve o seu encontro com Jacobus Mar Abuna, bispo Arménio de Cochim, onde o jesuíta insistiu em encontrar trabalho religioso para os cristãos das regiões em que a cristandade não tinha significado. Xavier reconhece muitas necessidades locais e declara-se contrário à possibilidade de disputas que poderiam existir com os hinduístas, obrigando-os, como o próprio Xavier reconhece, a reconhecerem os conhecimentos locais e as utilidades importantes.

(28) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, pp. 12, 318 e 437.

(29) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

(30) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, pp. 12, 318 e 437.

(31) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

(32) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

(33) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

(34) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

(35) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

(36) Epistolae S. Francisci Xaverii, vol. II, p. 319.

No interior do vasto conjunto de dificuldades culturais enfrentado pelo trabalho dos primeiros jesuítas importa realçar para o sul da Índia a profunda especificidade do *combate* ao Hinduísmo, assumindo diferentes detalhes quando comparado com a região de Goa.³⁷ A indiferença e recusa do Cristianismo por parte dos líderes religiosos locais levou Xavier a fazer sobre as suas vidas sociais e culturais observações pouco lisonjeiras, considerando os Brâmanes como o grande estorvo da conversão.³⁸ A adjectivação xaveriana é especialmente crítica:

*“gente mais perversa do mundo (...) De gente nom sancta (...) Es gente que nunca diz verdade, y siempre piensan como an de sutilmente mintir y enganar los pobre simplices y ignorantas (...) Son estos bragmanes hombres de pocas letras; y lo que les faltan virtud tienen de iniquidad y maldad en grande aumento (...) Todos los gentiles destas partes sabem muy pocas letras; para mal saben mucho.”*³⁹

Alguns dados intelectualmente mais significativos expressam mesmo a dificuldade das disputas teológicas entre Xavier e os bramanes, nomeadamente em torno do tema central da vida para além da morte, do conceito de alma ou até da cor de Deus. No caso deste último tema de debate, de interessante significado cultural e simbólico, ambos os disputantes pretendem atribuir uma cor a Deus mas de acordo com a sua própria “etnicidade”:

*“los desta tierra son negros, pareciéndoles bien su color, dizen que es negro, y así los más de los ídolos son negros; untarlos muchas vezes con azeite; fedentanto, que es cosa de spanto: son tan feos, que enveranos espantam”*⁴⁰

Nestas disputas elevadas como no trabalho religioso quotidiano, Francisco Xavier procura sempre apresentar o Cristianismo como uma religião superior assentando nessa escatologia normativa que impunha a conversão

para se obter a salvação.⁴¹ Face às profundas dificuldades de conversão das comunidades hindus, Xavier tentou mesmo perseguir a ideia do nascimento de um novo homem, educado *ab initio* pela superioridade do catolicismo, obrigando à mobilização de um demorado trabalho catequético entre as crianças, aspecto que particularizou a acção da Companhia de Jesus na Ásia. Atendendo a um menor conhecimento e contacto menos demorado com os comportamentos culturais e religiosos hindus, as crianças seriam para o nosso jesuíta mais facilmente doutrinadas e tornar-se-iam pequenos “agentes locais”:

*“Los muchachos espero en Dios nuestro Señor que nade ser mijores hombres que sus padres, porque muestran mucho amor y voluntad a nuestra ley, y de saber las oraciones y enseñarlas, y los aborrece mucho las idolatrias de los gentiles, en tanto que muchas vezes pelean con los gentiles, y reprehenden a sus padres y madres quando los ven ydolarar, y los acusan, de manera que me lo vienen a decir (...)”*⁴²

A encerrar, parece conveniente sublinhar que o *corpus* fundamental que estabilizaria as metodologias missionárias da Companhia de Jesus na Índia, sobretudo ao longo do séc. XVII, assentam largamente na experiência evangélica que, entre pregação, catequese e disputas, Francisco Xavier vivenciou nas suas viagens, transformando também com a experiência os jesuítas no *corpo* de religiosos mais bem preparado para a “conversão” do Oriente. Nesse *corpus* destacava-se a ligação de Xavier com as crianças, a importância do baptismo, a centralidade da pregação, a obrigatoriedade da confissão, as discussões públicas e a difusão do ensino católico. A este *corpus* que se transformaria em missão, Francisco Xavier legou ainda um outro *corpus*, o seu próprio corpo santo rapidamente transformado nos principais elementos de culto e sacralização do catolicismo na Ásia: sem o *corpus* de experiências missionárias e longe da santidade do seu *corpus*, as difusões de circulação de missões jesuítas católicas seriam indiscutivelmente maiores nessas terras milenares culturais e religiões orientais.

133.
Parorama de Goa e chegada de S. Francisco Xavier à Índia
1610. Desconhecido
Óleo
Óleo a óleo sobre tela
111 x 149 cm
Museu Nacional da Cotovia
Lisboa, MNAA, Inv. 389P

A obra é representada numa perspectiva que abrange os dois mundos, com legendas relativas aos lugares e características geográficas. Em Goa assinala-se Veda, Ilha de S. Estêvão, Ilha da Piedade e Ilha de Choulão. Na parte superior, numa reserva polifónica de contornos ondulados, sustentada por dois anjos, está representado S. Francisco Xavier a entregar a D. João de Albuquerque, Bispo de Goa, as cartas apostólicas relativas à sua nomeação como Núncio Apostólico na Índia e Primaz do Oriente. Um terceiro anjo, no triglo superior direito, desenrola um peripetico “Livro de Culturas”. Lisboa, 1994, p. 276.



Estas regiões têm grande necessidade de gente da nossa Companhia, principalmente as cidades de Ormuz e Dio, ainda mais do que Goa. Com efeito, por falta de pregadores e pessoas espirituais, andam muitos portugueses fora da lei de Deus. CSFX, pp. 92-93.

A cinco léguas de Cochim, numa fortaleza del-Rei, chamada Cranganor, há um colégio muito formoso, fundado por Frei Vicente, companheiro do bispo. Tem cerca de cem estudantes, filhos dos descendentes dos cristãos convertidos por S. Tomé, e que cá chamam cristãos de S. Tomé. Há sessenta lugares destes cristãos e, perto deles, está o tal colégio, coisa muito bonita e digna de ver-se, tanto a situação do colégio como a região onde vivem os cristãos. CSFX, p. 97.

Os da Companhia, que hão-de vir para ficar na Índia, devem ser gente escolhida dos colégios de Espanha e de Coimbra, embora não passem de dois em cada ano. E estes sejam como requer a Índia: de bastante perfeição e capazes de pregar e confessar. E se fordes desta opinião, façam eles, primeiro, a peregrinação de Roma e experimentem, pelo caminho, quanto valem. É para não estranharem nestas terras, pois são muito grandes os perigos de aqui caírem em fraquezas. Por isso, é preciso prová-los muito, para que também nós, que aqui estamos, em lugar de sermos consolados por eles, não recebamos desconolação, tendo de os despedir. FRANCISCO XAVIER
In Carta a S. Inácio de Loyola. Cochim, 29 de Janeiro de 1552. CSFX, p. 146.

Memória das Principais Religiões Praticadas no Século XVI na Índia

Hinduísmo: V. 54 a 58

134.

Ídolo de pedra representando uma figura feminina, divindade hindu
1610. Desconhecido
Pedra
Óleo
Óleo a óleo sobre tela
111 x 149 cm
Museu Nacional da Cotovia
Lisboa, MNAA, Inv. 389P

135.

Ídolo de metal representando uma figura feminina sentada num trono assente em forma de um rato e com um ratinho e noz nas mãos.
1610. Desconhecido
Metal
Óleo
Óleo a óleo sobre tela
111 x 149 cm
Museu Nacional da Cotovia
Lisboa, MNAA, Inv. 389P



Islâmismo: V. 59 a 65

De Moçambique até Goa, gastámos mais de dois meses. Passámos por uma cidade de moiros de paz chamada Melinde, onde costuma haver quase sempre mercadores portugueses. Os cristãos que ali estavam, enterram-se em grandes sepulturas, nas quais põem cruces.

Nesta dita cidade, levantaram os portugueses uma grande cruz de pedra, dourada e muito formosa. Nela Deus Nosso Senhor quanta consolação recebemos, ao vê-la, por reconhecermos o grande poder de Deus, sendo-a nós assim sozinha e com tanta gente, no meio de tanta moirama.

Nesta dita cidade de Melinde veio visitar o senhor governador ao galeão, com mostras de muita amizade. Nesta cidade de Melinde fui enterrar um moiro que morreu no nosso galeão e os moiros

edificaram-se muito, ao verem o modo como os cristãos sepultam os finados.

Um moiro desta cidade de Melinde, dos mais honrados, perguntou-me se as igrejas em que costumamos orar são muito frequentadas e se somos fervorosos na oração. E diziam-me que, entre eles, ia-se perdendo muita devoção, e se também assim acontecia com os cristãos? De facto, naquela cidade, há dezassete mesquitas, e a gente só vê três e estas muito poucos as visitavam. E assim, andava cheio de confusão, por não saber donde procedia perder-se de tal modo a devoção. Dizia-me que tão grande mal só podia vir de algum grande pecado.

Depois de termos arrazoado um pedaço, ficou ele com um parecer e eu com outro. De maneira que

não ficou satisfeito com o que eu lhe disse, a saber, que Deus Nosso Senhor, sendo tão fiel em todas as coisas, não se agradava dos infiéis e, menos ainda, das suas orações. E este era o motivo pelo qual Deus queria que a oração desaparecesse dentre eles, pois não lhe aprazia.

Um moiro muito douto na seita de Maomé e caciz (que quer dizer mestre) afirmava que deixaria de crer em Maomé e na sua seita, caso ele não viesse vê-los dentro de dois anos. É próprio de infiéis e grandes pecadores viverem sem confiança. E isto é uma graça que Nosso Senhor lhes faz, sem eles entenderem.

FRANCISCO DE XAVIER
In Carta aos Jesuítas de Roma. Goa, 20 de Setembro de 1542. CSFX, pp. 12-13.



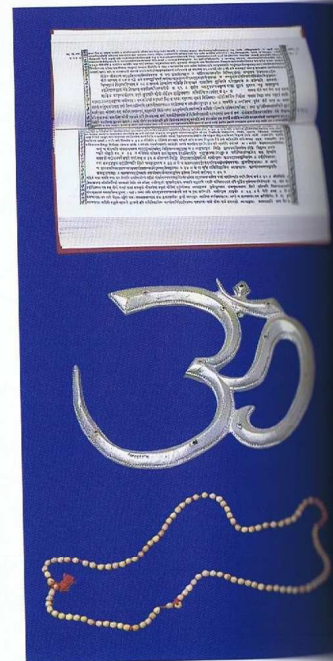
V. 56.
Berço de Krishna
(sem o menino)
Índia
Século XVII
308 x 180 x 70 cm
Belas, col. RD

Colunas de talha policromada assentes em dois elefantes com as respectivas guias; frontão com representação de divindades hindus, tendo ao centro Ganesh, deus da prosperidade, filho de Shiva.



V. 57.
Shiva, com oito braços
Sul da Índia
Século XVIII
Pedra, alto relevo
91 x 43 x 24 cm
Belas, col. RD

V. 58.
Objectos de Oração
Bhagussavad Guita (livro sagrado do Hinduísmo),
Om e Mala (contas de rezar)
Século XIX
Col. part.



V. 62.
Fragmento de paramento
que cobriu a Kaaba
Século XX
Veludo preto, bordado a ouro com o versículo 01.01 do Corão: "Todo o louvor a Deus, Senhor do Universo"
100 x 50 cm
Lisboa, ML
Oferecido à Mesquita de Lisboa, em 2001, pelo Príncipe Salman Abdul Aziz.

V. 63.
Lápide funerária

Órbita
Séculos VIII a XIII
Ármore
11,4 x 49 x 4,5 cm
Lisboa, ME

Um arco simbólico, constituído por pequenos lóbulos entrelaçados e encimado por uma fiada de merlões islâmicos preenche a lápide. Dentro do arco, uma frase em cursivo mistura-se com uma profusão de arabescos a ocupar todo o espaço; no intercolúnio, uma moldura rectangular delimita três linhas de um cursivo compacto de longas hastas verticais que se cruzam com as igualmente longas extremidades curvas das letras finais. A lápide foi vista em 1788 por Frei João de Sousa, numa das paredes do primitivo Paço do concelho eborense, à Praça do Giraldo, sítio onde se manteve até ao final do séc. XIX, quando foi destruído o antigo edifício camarário, ingressando no Museu Arqueológico. Em 1940, Nykl publica a leitura completa e tradução da inscrição, com algumas reservas em relação às duas últimas linhas e que a seguir

se transcreve: "Todas as almas sentirão a morte (III, 182). Ó tu que visitas [este sepulcro], roga a Deus que perdoe e tenha misericórdia do teu irmão e recorda-te desta viagem [até ao Juízo Final]. [A alma] ser-te-á tirada por Deus; nenhum vestígio do seu orgulho aparece no humilde túmulo. Da injustiça [deste mundo] temos que regressar ao Senhor; quer dizer, a Deus, à Misericórdia e grande Generosidade."⁴³

V. 64.
Pia de abluções

Século XIII-XV
Líoz branco
11,4 x 22,3 cm
Lisboa, MC, InARQ. RJQ. 90-67

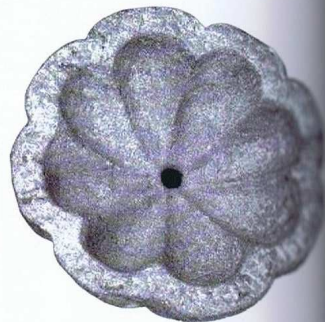
Pia de abluções em líoz branco, polilobulada. O bordo é limitado por moldura na zona superior, na qual se encontra gravada a inscrição cúfica da expressão árabe "almulk" (O Império / O Poder de Deus), repetida múltiplas vezes. O bordo lateral é, também, moldurado, com pequenos motivos geométricos (quadrados, losângulos, círculos). O interior é escavado, de forma polilobulada (oito lóbulos), apresentando um orifício

ligeiramente descentrado que perfura a peça e que corresponderá a uma intervenção posterior. A peça encontra-se partida pela base exterior, que poderia ser pedunculada. Terá pertencido à mesquita medieval de Mouraria, em Lisboa, destruída após a ordem de expulsão de Judeus e Mouros no reinado de D. Manuel. Foi encontrada numa escavação arqueológica no R. João do Outeiro.

V. 65.
Molde islâmico

Xisto
4,7 x 3,2 x 0,7 cm
Beja, MRDL, InPI-CL/4-19

O molde destinava-se à fundição de medalhas de formato discoide; originalmente seria constituído por duas metades correspondentes ao verso e anverso da medalha. Hoje só existe uma das partes esculpida numa placa rectangular em xisto, apresentando no centro uma inscrição árabe em baixo relevo, à qual corresponderá, a seguinte tradução: "É a Ele [Deus] que devemos agradecer a maior generosidade."



Islâmico: V. 66 a 68

V. 66 e 67
Objetos de oração:

Yad (xaile de oração)

Órbita de líz branca, franjada com listas pretas
13 x 10,7 cm
Inscrição (Shucrías) a enrolar na frente e no braço superior e a colocar na oração da manhã
1940, 1941 cm. Tora (Pentateuco) 13 x 9 cm.
Inscrição para a cabeça
1940, 1941 cm.
1940, 1941, XX.
Lisboa, CILSST

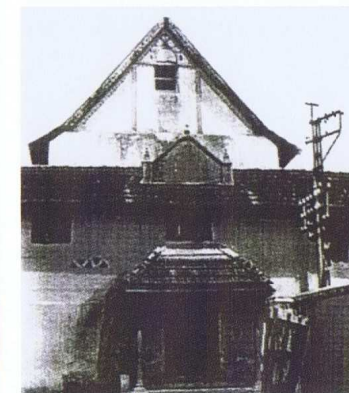
Yad

Ponteiro de leitura da Tora, com cordão
Prata
Marrocos, séc. XIX
21 x 2 cm
Lisboa, CILSST

V. 68.
Chanúka

Candelabro sagrado de 9 braços utilizado na celebração da festa de Chanúka
Marrocos, séc. XX, latão
50 x 52 cm
Lisboa, CILSST

Templo de São Estevão de Cochim, Índia, entre 1544 e 1550.





V. 69. Entrada triunfal de D. João de Castro em Goa, em 22 de Abril de 1547

1555-1560
Tapeçaria
348 x 530 cm
Áustria, Viena, KM, In.T.XXII.10

Insc.: BEM AVENTURADO E IMMORTAL TRIUNFO,
POLA LEY E POR EL-REY E POLA GREY

A série de tapeçarias representando as vitórias de D. João de Castro na Índia nos anos 1546-47, compõe-se de dois grupos de panos:

- ▶ um grupo relativo à entrada triunfal em Goa e que é composto por quatro tapeçarias;
- ▶ outro, reportando-se às batalhas e acontecimentos que tiveram lugar após a entrada triunfal, num período de tempo que se situa entre Abril e 24 de Dezembro de 1547.

Na primeira tapeçaria do cortejo triunfal vemos D. João de Castro vestido com uma couraça de lâminas postas em brocado alaranjado e armada sobre um gibão de setim carmesim atorcelado de ouro e com umas meias calças de grã com uns muslos de setim carmesim também atorceladas de ouro e com uma roupa do mesmo setim atorcelada de ouro, com as mangas vestidas e uma gorra na cabeça de

veludo preto com algumas pontas de ouro grossas e a sua espada guarnecida de ouro e de veludo preto cingida, tendo já passado sob o arco triunfal caminhando sob o pálido, levado pelos vereadores de maior prestígio da cidade, acompanhado dos mais honrados cidadãos de Goa. Segundo Gaspar Correia, o arco só foi mandado construir em pedra depois do regresso do governador de Patane⁴⁴. Na parte de dentro do arco mandou colocar um retábulo de S. Martinho "por lembrança da memória". Sobre o arco, é-nos dado ver um dos dois leões⁴⁵, que logo encimaram o primeiro arco, ostentando no peito escudos com as armas de D. João de Castro – as seis arvelas azuis sobre fundo de prata⁴⁶. As armas do governador, encontramos-las ainda nesta tapeçaria, sobre o escudo do soldado indígena na rectangular do cortejo e, semi-oculto, sobre o estandarte vermelho levado pelo nono elemento dos soldados que desfilam em primeiro plano. Note-se ainda a presença da roda de Santa Catarina, no estandarte visível entre o leão ostentando as armas de D. João de Castro e o pálido; a roda de Santa Catarina foi tomada como divisa por D. Álvaro de Castro ao ser armado cavaleiro à vista da Ermida de Santa Catarina do Monte Sinai⁴⁷. É significativa esta presença heráldica que se repetirá ostensivamente no último pano do cortejo triunfal, no nosso entender como afirmação e identificação do encomendador desta série de tapeçarias como sendo D. Álvaro de Castro.

Tal como acima é referido, o cortejo triunfal encimava-se, sob as ordens de D. João de Castro, num file tripartido, caminhando o governador e o seu filho ao centro. Entre as varas dianteiras do pálido que se levava, caminha Tristão de Castro, filho do governador, com o prato grande que Gaspar Correia nos dá como prata dourada, no qual o governador colocara a coroa que lhe cobria a cabeça quando, no mesmo momento, foi entregue a coroa e o ramo de palma. O corpo de "lançanets" em primeiro plano ostentava "capelas de rama meuda" que D. João de Castro mandara distribuir a todos os que com ele tinham participado na grande batalha⁴⁸. Na frente de Tristão de Castro caminha o franciscano Frei António do Casal, com as varas, com a cruz erguida tal como a tinha levado na batalha. Na frente deste, o alferes Duarte Barbosa, com "a bandeira real que foi na batalha"⁴⁹. Diante de ele, dizem-nos os cronistas, ia a bandeira da cidade de Goa, que aqui vemos representando uma figura humana coroadada e armada de escudo e espada, estigmatizada nos pés uma figura masculina coroadada que representa um cepro: é a padroeira Santa Catarina estigmatizada nos pés o rei de Alexandria; o habitual atributo de navegação pode ver-se parcialmente representado na figura da Santa. Reforça inevitavelmente neste contexto o episódio do triunfo da Fé Cristã sobre o Islão igualmente referido à vitória de Diu. Na frente desta bandeira caminha a bandeira de D. João de Castro, que era de fundo branco, quadrada, com a cruz de Cristo em vermelho



de Pedro Nunes, formou-se como homem de cultura e ciência, sendo considerado um dos mais brilhantes humanistas portugueses. Privilegiou, contudo, a carreira das armas.

Em 1538, comandou uma nau da Índia, o que lhe permitiu redigir os roteiros de Lisboa a Goa e da costa da Índia; tendo participado depois na expedição de Goa a Suez, escreveu uma descrição das costas do Mar Vermelho. Os seus feitos valeram-lhe, em 1543, o cargo de General da armada da costa. Em 1545, foi nomeado 13.º governador e 4.º vice-rei da Índia, onde comandou a defesa de Goa, Diu e das outras fortalezas indianas contra Hidalcão e Coje Sofar.

Segundo João de Lucena, mostrou de início alguma desconfiança em relação à actividade dos jesuítas na Índia; contudo, acabou por se aproximar e proteger a acção de Francisco Xavier, que lhe assistiu à morte em 1548. D. João de Castro iniciou, no antigo Palácio do Governo, em Goa, uma galeria de retratos de vice-reis da Índia, tratados ao natural, com uma nítida intenção celebrativa. Desta primitiva série da autoria de Gaspar Correia, auxiliado por um artista local, não chegou nenhum exemplar à actualidade. Os retratos que se conhecem são já do séc. XVII, mas sugerem ter-se baseado na antiga iconografia, que seria muito próxima das gravuras inseridas nas *Lendas da Índia*, do mesmo Gaspar Correia, de meados do séc. XVI. Destes, conhecem-se os retratos de D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque e D. Francisco de Mascarenhas, actualmente no Museu Nacional de Arte Antiga, e os de Vasco da Gama e D. João de Castro (cuja cópia é aqui apresentada), no Museu Arqueológico, no antigo Convento de S. Francisco de Assis, em Velha Goa. As personagens,



gens, hieráticas, são representadas a corpo inteiro, de pé, frontais e simetrizadas em X, sem modulação, nitidamente recortadas sobre um fundo uniforme. D. João de Castro, cujo tratamento de feições se aproxima estilisticamente da pintura mogol, veste um gibão dourado e calças vermelhas sob uma ampla capa, também vermelha, pregueada e de mangas tufadas, guarnecida de passamanes a ouro. Empunha, na mão direita, a palma (em substituição do bastão de comando das outras personagens), o que se aproxima da iconografia do herói romano, enquanto a esquerda se apoia ao punho da espada. O escudo heráldico, à sua esquerda e no sentido em que vira a cabeça, e as legendas em duas zonas distintas, no registo inferior, atrás dos pés, e no superior, atrás da cabeça, completam esta representação de aparato.

V. 71. D. Álvaro de Castro (1525-1575)

Século XVII (início)
Pintura a óleo sobre tela
112 cm
Lisboa, col. part.

Insc.: D. ALVARVS DE CASTRO D(OMINI) / IOAN-
NES DE CASTRO PRIMOGENITVS, IN VALORE
SOCIVS / IN VIRTVTIBVS IMITATVR.

Filho de D. João de Castro e igualmente ligado à carreira das armas foi com o pai e o irmão para a Índia em 1545. Aí participou activamente na defesa de Diu contra Coje Sofar, tendo tido o ensejo de levar Francisco Xavier na sua armada.

Este retrato a corpo inteiro de D. Álvaro de Castro, além de excelente valor artístico, constitui a única verdadeira efígie do primogénito do Vice-Rei chegada até nós. D. Álvaro está de pé, apoiado a uma mesa coberta de brocado vermelho em cujo tampo repousam o elmo, de viseira aberta, e a palma da mão direita, enquanto a esquerda assenta displicentemente no punho da espada, em gesto senhorial. A pose estudada, o olhar de soslaio e a posição forçada do braço destro remetem a um tipo de retrato tardo-quincentista, que vem dos de Filipe III (II de Portugal) por Pantoja de la Cruz e do Cardeal-Arquiduque Alberto por Pourbus, e chega até ao "D. João IV" de Avelar Rebelo (1649). A magnífica armadura tauxiada de ouro, os sapatos de ponta redonda e atacadores, e sobretudo o enorme colarinho em renda de Bruxelas a tapar a orelha e subindo na nuca, rígido como um prato, com a largura máxima atingida por volta de 1610, denotam a personalidade ao mesmo tempo guerreira e cortesã do retrato e apontam para a "última moda" vigente em torno aos primeiros anos de Seiscentos. Pode bem ter sido obra de um pintor régio – como Amaro do Vale (1612-19), cuja produção de retratista, tão elogiada pelos contemporâneos, ainda nos é desconhecida... – por encomenda nobilitante da família: possivelmente do filho bispo e inquisidor-mor D. Francisco de Castro, autor do panteão dinástico e do



retrato de seu meio-irmão D. Fernando de Castro, ou Frei Fernando da Cruz" (MNA, c.1641).

Mas é o rosto que mais prende a atenção do observador. Quase miniatural, emergindo das pregas do colarinho, apresenta o cabelo negro cortado rente, à militar, com ligeira popa penteada para trás, e expressão penetrante, com sobrancelhas espessas e leve pigigode sobre a boca carnuda. As feições são delicadas e sensíveis, aparentando pouco mais da trintena, mas o nariz proeminente acusa a maturidade do pai. O autor copiou aqui, sem dúvida, um protótipo feito em vida pelos anos 1555/60 – talvez um retrato de noivado executado quando do seu casamento, em 1557, com uma neta do Conde da Castanheira. A factura é fina, o tom acetinado da pele, o cuidado naturalismo na marcação das pálpebras e dos lábios, o rosto rosado e o olhar esquivo, de grande verdade psicológica sugerem a mão de Joris van der Straeten, activo em Lisboa, por esses mesmos anos: uma possibilidade que explicaria o forte contraste entre a cabeça, copiada dum retrato de pequeno formato tão personalizado quanto o do "Jovem Cavaleiro", e o restante corpo, em que é patente a sugestão dos retratos maneiristas de D. Sebastião por Cristóvão de Moraes. RM

Bibliografia

→ SIMÃO, A. de Vasconcelos, *O bispo inquisidor D. Francisco de Castro e o Capela dos Castros em S. Domingos de Benfica*, Miscelânea Histórica de Portugal, I, Lisboa, 1981, pp. 29-52. → MOREIRA, R. e FRANCO, Anísio, ficha n.º 65 in R. Moreira, dir., cat. Portugal et Flandres, Europalia'91, Musée d'Art Ancien, Bruxelles, 1991, pp. 243-245.

In "Tapeçarias de D. João de Castro". Lisboa, MNA, 1995, p. 170.

V. 72. Pregação de S. Francisco Xavier em Goa

André Reinoso
Século XVII
Pintura a óleo sobre tela
96 x 162 cm
Lisboa, ISR

O santo missionário está acompanhado por seus acólitos numa vasta praça de Goa durante uma pregação a que assistem nobres portugueses montados a cavalo por detrás de um grupo de gentios convertidos – homens, mulheres e crianças – envergando os seus trajes tradicionais de cores garridas, com os turbantes, leques, colares e túnicas tradicionais. No plano mais afastado, um fundo arquitectónico perspectivado. MIR In "Encontro de Culturas". Lisboa, 1994, p. 275.

V. 73. S. Francisco convertendo a água salgada em doce

Autor desconhecido
Século XVI-XVII
Pintura a óleo sobre tela
89 x 100 cm
Prov.: Coleção da vida e milagres de S. Francisco Xavier, da Igreja do Colégio da Companhia de Jesus, em Évora
Lisboa, MM, inv. 90

De acordo com o relato do padre João de Castro durante uma viagem de S. Francisco Xavier a Cochim e Malaca, esgotou-se a reserva de água potável em causa a sobrevivência de toda a tripulação. O Santo pediu que o igassem fora de bordo, dentro das ondas, que abençoou, e mandou descer num coque de loiça, onde recolheram a água do mar que miraculosamente, se transformou em água doce. A pintura do Museu de Marinha, executada pelo imitador do pintor Manuel Henriques, pouco conhecida e destinada ao ciclo iconográfico da vida e milagres de S. Francisco Xavier para o Colégio do Espírito Santo em Évora, segue o modelo coimbrão com grande fidelidade de composição, mas com alguma distorção narrativa. A pintura de Évora retrata o momento em que Francisco Xavier, seguro por panos de linho nos braços, é posto fora de bordo, enquanto os marinheiros baixam o recipiente para tirar a água. Manuel Henriques, com maior riqueza de pormenores e de episódios, mais perto do modelo de André Reinoso, retrata a ida de Francisco Xavier para a igreja de S. Roque, ainda que num momento de execução técnica bastante inferior, evidência da diversidade de atitudes dos marinheiros que se debatem dependuram da borda, aos viajantes que comem aqueles que distribuem a água e matam a sede. O mesmo reboliço que se propaga a todo o convulso confronto com a serenidade de Francisco Xavier, que abençoa as águas revoltas.

Francisco Xavier convertendo um rei oriental

Manuel Henriques
Século XVII
Pintura a óleo sobre tela
100 x 100 cm
Lisboa, ISR

Francisco Xavier convertendo o mar

Manuel Henriques, S.J. (1593-1654)
Século XVII
Pintura a óleo sobre tela
100 x 100 cm
Lisboa, Colégio de Jesus
Lisboa, Colégio de Jesus
Lisboa, Colégio de Jesus

Manuel Henriques relata frequentes episódios de viagens de S. Francisco Xavier que na ida de Francisco Xavier para o Oriente, nos mares da Índia, da China meridional e do Japão, suas deambulações missionárias entre Malaca, Cochim, Molucas e o Japão. Tempestades e naufrágios punham em risco as expedições, na evidência reboliço que se propaga a todo o convulso confronto com a serenidade de Francisco Xavier, que abençoa as águas revoltas.



Nesta viagem de Malaca para a Índia, passámos por muitos perigos de grandes tempestades, durante três dias e três noites. Foram os maiores em que eu me encontrei no mar. Houve muitos em que, em vida, choraram a sua morte, com grandes promessas de nunca mais navegar, se Deus Nosso

Senhor desta os livrasse. Atirámos ao mar com tudo o que podíamos, para salvarmos as vidas. FRANCISCO XAVIER In Carta escrita de Cochim, para os Jesuítas de Roma. Cochim, 20 de Janeiro de 1548. CSFX, p. 65.

V. 76.
S. Francisco Xavier
autoflagelando-se

autor desconhecido
séculos XVI-XVII
Pintura a óleo sobre tela
99,5 x 88,5 cm
Lisboa, MM, inv. 231

Episódio do ciclo de S. Francisco Xavier representado num cenário tenebroso junto à costa oriental. O santo, com sotaina descida sobre as costas e segurando um crucifixo, autoflagela-se, numa ilustração de vários episódios referidos por João de Lucena. Em segundo plano, à esquerda, uma nau portuguesa afasta-se da costa.

Pertencida à colecção de vida e milagres de S. Francisco Xavier existente na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus, em Évora.

76



Especialmente me encontrei em perigo na nau onde vinha, de 400 toneladas: navegámos mais duma légua, com vento rijo e o leme a tocar sempre em terra. Se, em todo este tempo, nos encontrássemos com algumas pedras, a nau ficaria desfeita. Ou se encontrássemos menos água numa parte do que noutra, ficaríamos em seco.

Muitas lágrimas vi, então, na nau. Quis Deus Nosso Senhor experimentar-nos nestes perigos e dar-nos a conhecer quanto valem, quando pomos a esperança nas nossas forças ou confiamos nas criaturas, e quanto valem quando destas falsas esperanças saímos, desconfiando delas e esperando no Criador de todas as coisas. Na sua mão está o fazer-nos fortes, quando aceitarmos os perigos por amor dele. Então conhecemos, claramente, que, em tal caso, são maiores as consolações do que o medo de morrer, se acabarem, ali, os seus dias.

FRANCISCO DE XAVIER

In *Carta aos Jesuítas da Europa*. Amboino, no arquipélago das Molucas, 10 de Maio de 1546. SCH. Ep. 55. CSFX, p. 32.

V. 77.
S. Francisco Xavier
ressuscitando
um morto

Franz Fransken
Pintura a óleo sobre cobre
61 x 79 cm
Cascais, col. IJSHBC

Deste milagre de S. Francisco Xavier ocorrido em Ceilão, em 1541, segundo a célebre narrativa do Padre João de Lucena, foram realizadas diversas pinturas, de que avulta, muito naturalmente, o belo quadro de André Reinoso, de c. 1619, na sacristia da Igreja de S. Roque, sobre o qual se pintaram outras versões. Este cobre seiscentista, de fina qualidade de pincel,

devido a um dos mais operosos discípulos de Reinoso, não segue o modelo reinosiano, antes uma composição original do grande P.P. Rubens, de 1617, existente no Kunsthistorischen Museum de Viena e gravada, seguida por Marinus van der Goes (1633), e representando o miraculoso evento no contexto de uma arquitetura clássica e de uma figuração rubensiana de pose teatralista, isto é, sem a mesma dose de referências iconográficas e etnográficas do modelo de Reinoso. O quadro revela bem que a iconografia xavieriana apenas elaborou, segundo o conhecido programa português de Reinoso e Arede, no primeiro terço do século XVII, e (porque não consta que fosse divulgada por gravuras) quase limitando depois a sua influência no espaço das igrejas da Companhia do Mundo Português.

In "S. Francisco Xavier", Tôquio, 1999, p. 71.



V. 78.
S. Francisco Xavier
e S. Caetano

autor desconhecido
séculos XVI-XVII
Pintura a óleo sobre tela
100 x 100 cm
Lisboa, col. MB

Um fantástico elemento arquitectónico com panejamentos divide a composição, verticalmente, em dois registos com a representação de S. Caetano, à esquerda, e S. Francisco Xavier, à direita. Aureolados os santos são representados com sotaina negra, do hábito talar usado por teatinos e jesuítas, sobre a qual vestem uma alva de mangas largas e estola vermelha com cruz nas extremidades.

S. Caetano (Vicência, 1480-Nápoles, 1547) fundou, com



Pedro Caraffá, bispo de Chieti e futuro Papa Paulo IV, a Congregação dos Clérigos Regulares, ou Teatinos (de *Theate*, nome latino de Chieti), aprovada pelo Papa Clemente VII em 1524. Tinham, por carisma, a pobreza absoluta, propondo-se reformar o clero e os fiéis pela administração dos sacramentos e pela instrução prática da caridade. Em 1655, os Teatinos estabeleceram-se em Goa, onde fundaram um convento com igreja anexa dedicada à padroeira da Ordem, Nossa Senhora da Divina Providência.

S. Caetano está ajoelhado face a uma visão de Cristo Redentor empunhando o ceptro, sentado sobre nuvens e rodeado de anjos, um dos quais segura o lírio, atributo do santo. Este, com a mão direita sobre o peito num gesto de reverência, escreve no livro que lhe é apresentado por um anjo. Uma coroa ducal e um chapéu cardinalício aludem, respectivamente, à sua origem nobre e à condição de cardeal. No canto inferior esquerdo, está representada a fachada da Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência, em Goa, ainda sem as duas torres sineiras laterais.

S. Francisco Xavier, enquadrado por um fundo naturalista, é representado de pé e virado na direcção de um crucifixo com base assente sobre uma mesa coberta por toalha branca. No lado esquerdo, sobre o peito, abre-se uma cartela com o coração que alude ao fervor religioso do santo. A representação de S. Francisco Xavier numa pintura destinada a uma igreja de teatinos justifica-se pelo papel fulcral que desempenhou na missão do Oriente, sendo este o objectivo determinante da constituição daquela casa em Goa.

Ao fundo, corre a paisagem típica da costa goesa, plana e com árvores junto à água.

In "S. Francisco Xavier". Tôquio, 1999, p. 72.

V. 79.
Aparição de Nossa Senhora
a S. Francisco Xavier

Autor desconhecido
Séculos XVII-XVIII
Pintura a óleo sobre tela
205 x 271 cm
D. Coimbra

O tema das visões místicas, ou êxtases, graficamente representados como aparições divinas aos santos, é recorrente na iconografia pós-tridentina, sobretudo no contexto das escolas italiana e espanhola, dado que permite evidenciar a espiritualidade e devoção da personagem, num ambiente despojado de elementos supérfluos.

Nesta representação, cujo núcleo central é dominado por um interessante jogo de luz e sombra, pressuando-se a vela que ilumina vivamente todos os rostos e lhes realça a expressão, mas que se encontra escondida pelo anjo que estabelece a ligação entre os mundos terrestre e celeste. Este, em primeiro plano, com amplas vestes avermelhadas, representado a corpo inteiro, de perfil e numa torção corporal ao modo barroco, olha para o Santo, ao mesmo tempo que, com a mão direita, aponta para a aparição da Virgem. S. Francisco Xavier, com a sobrepeliz e estola sobre a sotaina negra, está ajoelhado, face a uma mesa onde se encontra o castiçal e um livro aberto, com o rosto erguido, contemplando a aparição com uma expressão de êxtase; o gesto das mãos, a esquerda sobre o peito e a direita aberta à frente do corpo, exprimem o fervor religioso e a surpresa por esta revelação divina. Numa clareira iluminada, contornada por cabeças de anjo, aparece a Virgem, envolta num amplo manto escuro sobre a túnica azul, em cuidado panejamento, mas sem a exuberância da veste do anjo, e com a cabeça descoberta, segura com ambas as mãos o Menino, de pé sobre o regaço e apenas coberto por um véu branco, estabelecendo um outro contraponto de claro-escuro. Ambos, a Virgem e o Menino, contemplam o Santo, reforçando a ideia da mística conversação geralmente subjacente a este tema.



MIR

V. 80.
S. Francisco Xavier
e os paravás

Manuel Henriques, S.J. (1593-1654)
Pintura a óleo sobre tela
170 x 190 cm
D. Coimbra

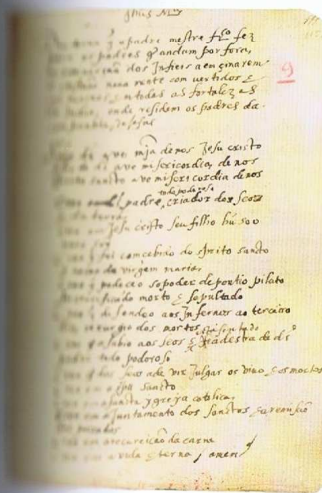
A primeira expedição missionária de Francisco Xavier ao Oriente, em 1542, foi à costa da Pescaria, no reino de Travancor, ao sul da Índia, tendo alcançado a conversão em massa de cerca de vinte mil paravás, os pescadores de pérolas. Logo após ter saído da zona, os paravás foram atacados pelos vizinhos do norte, os badegás, que entraram pelo cabo de Comorim. Regressou, por isso, à costa da Pescaria, em 1543, indignado com os tratos a que estavam sujeitos os cristãos conversos e opôs-se com veemência e obstinação à invasão dos badegás. João de Lucena relata que as suas imprecações lograram o fim da invasão dos badegás e um ambiente favorável à sua actividade missionária, dado que, com isso, conseguiu os obsé-



quios do próprio rei de Travancor, que lhe concedeu a autorização para pregar. Este episódio é apresentado por Manuel Henriques em consonância com o modelo de Reinoso, na sacristia da igreja de S. Roque: Francisco Xavier, ao centro e no primeiro plano, ajoelhado e de braços abertos, na atitude da repreensão, apresenta um nimbo que lhe ilumina as feições. O fundo, ainda que tenebrista, permite distinguir edifícios arruinados, guerreiros em debandada e os corpos dos feridos e mortos espalhados no chão. A negritude da cena é interrompida pelo claro dos fogos da guerra, numa representação que Vitorino Magalhães interpreta como a luta entre a luz da fé e as trevas da descrença, tornando-se paradigmática o programa de missionação levada a cabo pelos jesuítas em terras inhóspitas. Recupera-se, assim, a ideia de guerra santa contra os infiéis, que fora o mote inicial da Companhia de Jesus, que na própria missão mantém o conceito militarista. Porém, as imagens de fogo que caem em torno de Xavier, evocando a cena do Pentecostes conferem-lhe uma nova dimensão: a guerra santa faz-se pela pregação; a pregação é a arma principal do Apóstolo do Oriente.

V. 81.
Catechismus ex Decreto
Sacrosancti Tridentini ad parochos,
1679 Pont. Max. Iussu editus.

Francisco de Xavier, S.J.
Pintura a óleo sobre tela
170 x 190 cm
D. Coimbra



V. 82.
Doutrina pera os Padres
que andaram por fora
na conuersão dos infiéis
a emçinarem os cristãos
nouamente conuertidos
e aos meninos em todas
as fortalezas da Índia.

C. 1546
Lisboa, BA, 51-II-23

Levareis de casa a Doutrina Cristã e a Declaração sobre os artigos da fé, e a Ordem e regimento que um homem há-de ter, todos os dias, para se encomendar a Deus e salvar a sua alma.
FRANCISCO DE XAVIER
In Regulamento espiritual para o Padre Barzeu, em Ormuz. CSFX, p. 108.

Ao entramos nos povoados, as crianças não me deixavam rezar o breviário, nem comer, nem dormir e só queriam que lhes ensinasse alguma orações. Comecei, então, a saber por que é que é deles o reino dos céus.

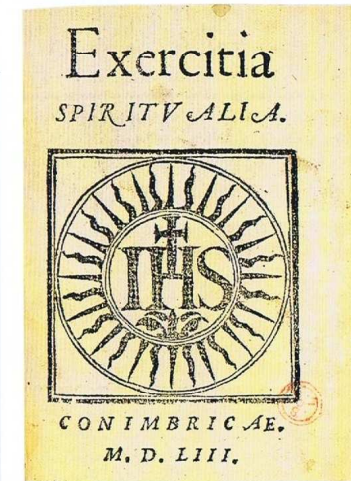
Como seria impio negar-me a pedido tão santo, comecei pela confissão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, credo, padre-nosso, ave-maria, e assim os fui ensinando. Descobri, neles, grande inteligência. Se houvesse quem os instruisse na fé, tenho por certo que seriam bons cristãos.
FRANCISCO DE XAVIER
In Carta a S. Inácio de Loyola. Tutucurim, Costa da Pescaria, 28 de Outubro de 1542. CSFX, p. 21.

Assim em Maluco como em Maluco, fazia-os aprender esta explicação, em vez das orações, para lançar, neles, os firmes alicerces duma fé boa e verdadeira em Jesus Cristo, deixando de acreditar na tolíce dos ídolos. Esta explicação pode ensinar-se durante um ano, um pouco cada dia, vinte palavras que podem facilmente decorarse. Depois de irem entendendo a história da vinda de Jesus e de repetirem, muitas vezes, estes esclarecimentos sobre o credo, fica a explicação mais gravada na memória. Desta maneira, chegam ao conhecimento da verdade e ao aborrecimento das fábulas vãs que os gentios do passado e do presente escrevem, acerca dos seus ídolos e feitiçarias.

FRANCISCO XAVIER
In Carta escrita de Cochim, para os Jesuítas de Roma. Cochim, 20 de Janeiro de 1548. CSFX, p. 61.

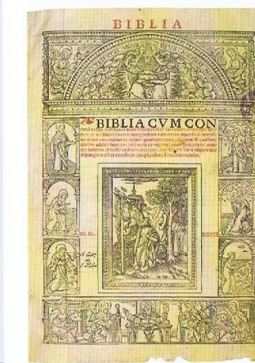
V. 83.
Exercitia spiritualia

Inácio de Loyola, Santo, 1491-1556
Conimbricae: per Ioannem Barrerium, 1553.
11 cm
Lisboa, BN, Res. 772 P



V. 84.
Biblia cum concordantiis veteris
et novi testamenti et sacrorum
canonum: necnon et additionibus...
varietatis diversorum[m] textu[m]:...
novissime autem addite sunt
concordantie ex viginti libris
josephi...

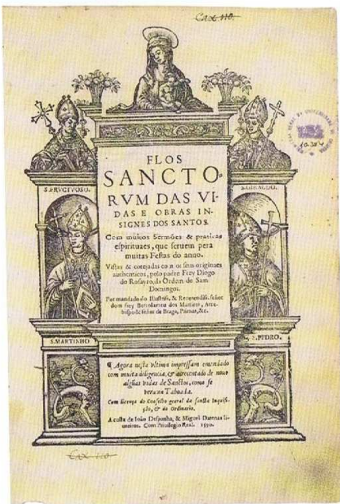
Lugduni: per Jacobum Mareschal, 1527
Pert.: "R. Coll'p de S. Pedro"
35 x 26
Coimbra, UCBG, S.P.-Ah-5-1



V. 85.
Flos sanctorum das vidas e obras insignes dos santos: com muitos sermões e praticas espirituales, que seruem para muitas festas do anno / Vistas & cotejadas com os seus originaes authenticos, polo padre Frey Diogo do Rosayro; Por mandado do ... frey Bertolameu [sic] dos Martires

Diogo do Rosário, O.P., ?-1580
Em Lisboa: per Balthesar Ribeiro:
A custa de João Despanha, & Miguel Darenas
livreiros, 1 de Setembro de 1590
33 x 23 cm
Coimbra, UCGB, V.T. 18-9-9

85



V. 87.
De Institutione Grammatica Libri Tres

Manuel Alvares, S.J., 1526-1583
Olyssipone: Excudebat Ioannes Barrerius, 1573
Monograma da Companhia de Jesus na página de título
16 x 11 cm
Coimbra, UCGB, V.T. 18-7-3

Chegámos à cidade de Goa a 6 de Maio de 1542. As cinco naus partiram pelos meados de Março e delas perdeu-se a principal, salvando-se quase toda a gente. Naufragou perto da costa. Era uma nau muito rica, carregada com muitas mercadorias e a sua capacidade subia para cima de 700 toneladas. Aqui em Goa, fui ficar ao hospital. Confessava e dava a comunhão aos doentes que lá havia. Eram tantos os que vinham confessar-se que, se pudesse estar, ao mesmo tempo, em dez lugares, em todos eles teria quem confessar. Depois de atender os enfermos, confessava, de manhã, osãos que me procuravam. De tarde, ia à cadeia confessar os presos, ensinando-lhes, o modo e ordem a seguir numa confissão geral. Depois de confessar os presos, encarreguei-me de uma ermida de Nossa Senhora, perto do hospital. Aí, comecei a ensinar às crianças as orações, o credo e os mandamentos. Muitas vezes, passavam de trezentos os que vinham à doutrina cristã. Aos domingos, ia fora da cidade dizer missa aos doentes do mal de S. Lázaro. Confessei-os e dei a comunhão a todos os que moravam naquela casa; preguei-lhes uma vez e ficaram muito meus amigos e devotos. Seguindo nossa viagem desta cidade para a Índia, fomos dar a uma ilha de 25 ou 30 léguas, chamada Socotór, terra desamparada e pobre. Não se colhe,

EMMANVELIS
ALVARI E SOCIE.
TATE IESV
DE INSTITVTIONE
GRAMMATICA
LIBRI TRES.



OLYSSIPPO N. E.
Excudebat Ioannes Barrerius
Typographus Regius.
M. D. LXXIII.
Cum Privilegio.

nela, trigo, nem arroz, nem vinho, nem fruta. É muito estéril e seca. Há muitas tâmaras que são o pão daquela terra. Há muito gado. Vivem de leite, tâmaras e carne.

É terra de grandes calores. Orgulham-se muito os serem cristãos, nos nomes, e é essa a sua maneira de mostrar que o são. Não sabem ler nem escrever, nem tem livros nem nada escrito. São homens pouco instruídos. Têm igrejas, cruzes e lâmpadas. Cada lugar tem o seu caciz que é como um clérigo entre nós. Cacizes não sabem ler nem escrever, não têm livros escritos. Sabem muitas orações de cor e vão à igreja quatro vezes ao dia: à meia-noite, de manhã, à hora de vésperas e, de tarde, à hora de completas. Não têm sinos. Chamam o povo com matracas, como nós fazemos pela semana santa. Os próprios cacizes entendem as orações que rezam, por não serem de sua língua. Creio que estão em caldeu. Escrevi-lhes as quatro das orações que eles rezam.

Fui duas vezes a esta ilha. Têm devoção a S. Tiago, dizem que são dos cristãos que ele fez nestas paragens. Nas orações que rezam estes cacizes, dizem algumas vez aleluia, aleluia, pronunciando aleluia quase ao nosso modo. Para serviço de Deus Nosso Senhor, escrevi-me muitas vezes, sobre o modo como devo proceder com estes gentios e moiros onde agora vou. Na verdade, espero que o Senhor, por meio de vós, me dê a ordem o que cá terei de fazer, para os converter à verdadeira santa fé. Enquanto não receber resposta, as salta, mas entretanto, for cometendo, espero em Nosso Senhor, que as vossas cartas mas farão conhecer e emendar para o futuro.

FRANCISCO DE XAVIER
In Carta aos Jesuítas de Roma. Goa, 20 de Setembro de 1542. CSFX, pp. 13-19.

V. 89.
Cruz-relicário
Século XVII
Portugal
Prata branca cinzelada e vazada
36 x 18,5 cm
Prov.: Colégio de Jesus, Coimbra
Coimbra, MNMC, inv. 6210 O-129

Insc.: "ESTE STº CRUCIFIXO HE O MESMO Q O CARAGEJO TROXE A PRAIA AO STº XAVIER".

A base naturalista em forma de caranguejo, assente sobre seis patas, segura entre as tenazes erguidas, uma cruz latina.

A cruz é de perfil moldurado, funcionando como receptáculo de uma cruz entretanto desaparecida; a haste e os braços são rematados por pináculos de anéis fitomórficos envolvidos por quatro folhas de acanto recortadas. O reverso é revestido por lâmina de prata na qual se insere a inscrição.

Esta peça alude a um episódio da vida de S. Francisco Xavier: durante uma viagem da Ilha de Amboino para a de Ceram ocorreu uma violenta tempestade. O Santo começou a rezar, segurando a cruz que lhe fora oferecida por Santo Inácio de Loiola e que trazia sempre consigo; as ondas acalmaram, mas entretanto arrebataram-lhe a cruz. Porém, mais tarde, ao passear na praia, S. Francisco Xavier viu um caranguejo que saía da água, trazendo a cruz segura entre as pinças. Seria esta a cruz que se guardava neste relicário. MIR In "Encontro de Culturas". Lisboa, 1994, p. 280.

V. 90.
Cruz de assento
Índia
Século XVII
Escultura em marfim.
Cruz em madeira entalhada com embutidos
83 x 33,5 cm
Aljezur, SCMA

A base, em forma de penedo figurando o monte do Calvário, apresenta, no registo inferior, uma gruta vazia ornamentada ao fundo por motivos espiralados e rodeada por cinco nichos de arco pleno, sendo dois laterais e três cimeiros, todos eles vazios. A base é encimada por uma plataforma ovalóide sobre a qual assenta um caranguejo, em vulto, pintado e com vestígios de ouro, que abraça o arranque da cruz com as tenazes, em alusão a um dos milagres de S. Francisco Xavier. A cruz latina, de rebordos lisos e sem terminais, é decorada por cinco quadrifólios pregados: um na extremidade de cada um dos braços e três na haste inferior, sob a figura de Cristo.

Este é representado numa simetria quase perfeita, quebrada pela ligeira inclinação da cabeça, de rosto dormente, com a barba em ponta e cabelo de madeixas escuras sobre os ombros. Os braços, elevados, mostram as veias desenhadas por linhas paralelas. O tronco apresenta a caixa torácica ligeiramente deprimida em ogiva e ventre saliente. Os pés encontram-se afastados. O cendal é preso por um cordão com as pontas à esquerda, caindo em pregas sobrepostas. MIR In "Encontro de Culturas". Lisboa, 1994, p. 280.



V. 91.
S. Francisco Xavier
e o milagre do caranguejo

Bento Coelho da Silveira, atrib.
C. 1690
Pintura a óleo sobre tela
170 x 128 cm
D. Funchal

Tendo S. Francisco Xavier feito uma viagem tormentosa por mar, durante a qual uma onda lhe arrebatou o crucifixo das mãos, caminhava pela praia da ilha de Baranura, nas Molucas, quando um caranguejo veio ao seu encontro, segurando entre as pinças o crucifixo perdido. Este episódio é narrado pelo Padre João de

Lucena, na biografia publicada em 1600, e consta da bula de canonização, mas é talvez menos glosado que outras cenas alusivas à actividade de missionação e às curas prodigiosas, que preencheram os programas iconográficos de igrejas jesuítas um pouco por toda a parte. Entre outros exemplos de quadros com o milagre do caranguejo, existe o de Luca Giordano no Gesù Nuovo em Nápoles, ou o do flamengo Godfried Maes para o Castelo de Xavier em Navarra. Na ilha da Madeira está representado na capela de S. Francisco Xavier da igreja de S. João Evangelista, numa versão de concepção e execução assaz ingénua.

A composição de Bento Coelho⁵² retoma a tela do mesmo tema pintada por André Reinoso⁵³ para a Sacristia da Igreja de S. Roque, em Lisboa. Se a versão de Reinoso descentra a figura do santo e enfatiza a cena

de fundo, nesta S. Francisco Xavier é emblematicamente colocado ao centro, de sobrepelez e estola, com um punho de açucena na mão, o que resulta em maior clareza de leitura e melhor adequação a um painel isolado. Logo atrás, à sua direita, um outro jesuíta, decerto Francisco Rodriguez que testemunhou a cena, está de mãos postas, recolhido perante o prodígio; do outro lado um grupo de habitantes locais, mais exuberante na postulação e no traje, manifesta e comenta entre si a sua admiração. O caranguejo, em primeiro plano, está sobre um chão arenoso e semeado de conchas, à semelhança da praia onde Bento Coelho situa a cena Agostinho de *Milagre da Santíssima Trindade* (Alhandra, Igreja de S. João Baptista). Tanto as figuras como a paisagem de fundo são descritas com a desenvoltura de traço e o ritmo característica deste pintor.

V. 92.
S. Francisco Xavier
e o milagre do caranguejo

Autor desconhecido
Século XVIII
Pintura a óleo sobre tela
64 x 46 cm
Lisboa, col. part.

Numa particular interpretação do milagre do caranguejo que aparece a S. Francisco Xavier trazendo um crucifixo perdido, o Santo é apresentado como peregrino, com bordão, cabeça presa no topo e roupa adornada por vieiras. O cenário natural, junto à praia, serve ainda de contexto à representação de uma cena paralela, em segundo plano, de S. Francisco Xavier baptizar um indiano. No canto superior esquerdo, uma auréola circundada por anjos entre nuvens apresenta o monograma da Companhia (IHS).

S. Francisco Xavier e o Milagre do Caranguejo
Painel de Azulejos, Séc. XIII – Viana do Castelo, Paredão da Capela do Senhor do Regato.

V. 93.
1898
1908
1910
1912
1914
1916
1918
1920
1922
1924
1926
1928
1930
1932
1934
1936
1938
1940
1942
1944
1946
1948
1950
1952
1954
1956
1958
1960
1962
1964
1966
1968
1970
1972
1974
1976
1978
1980
1982
1984
1986
1988
1990
1992
1994
1996
1998
2000
2002
2004
2006
2008
2010
2012
2014
2016
2018
2020
2022
2024

de fundo, idêntica a peças de uso doméstico no Japão, foi utilizada como pia de água benta no contexto de devoção privada. Apresenta no fundo, esculpido no mesmo vulto, a figura de um caranguejo e, no exterior do bico, o desenho de uma cruz ladeada por uma faixa de arabescos em campo semicircular, contornado por raios ondulados que evocam o resplendor do monograma da Companhia de Jesus. O uso de uma peça adequada a uma representação de um atributo de S. Francisco Xavier, em alusão a um dos seus milagres, quando encontrou na praia um caranguejo com uma cruz entre as pinças um crucifixo que o Santo tinha perdido no mar.

Embora se trate de um objecto críptico, isto é, com simbolismo muito dissimulado na ornamentação geral, e que se presta aos cristãos japoneses o cumprimento de rituais religiosos que lhes foram oficialmente proibidos.

MIR



"Nosso Senhor dê a syntir a V.A. dentro na sua alma sua santissima vontade e lhe dê graça pera a cumprir perfectamente, asy como folgaria te-la comprida à ora de sua morte, quando estiver damdo conta a Deus de toda sua vida pasada; a qual ora será mais cedo do que V.A. cuida, e por yso estê aparelhado, pois os reinos e senhorios se acabam e tem fim. Cousa nova será, e que numqua por V.A. pasou, ver-se dezaposado à ora da morte dos seus reinos e senhorios, e entrar em outros domde lhe ã de ser cousa nova ser mamadado, e o que Deus nam queira, fora do paraíso.

De Couchim a 26 de Janeiro de 1549.
Servo inutil de Vossa Alteza. Francisco."
Vd. Transcrição da carta in "Documentação para a História das Missões e do Padroado Português do Oriente". Lisboa, 1991. Vol. I, p. 272.



V. 94.
Carta autógrafa
de S. Francisco Xavier

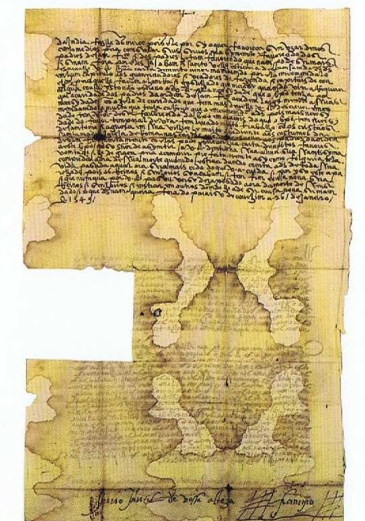
De Couchim
26 de Janeiro, 26 [carta]
1908
1910
1912
1914
1916
1918
1920
1922
1924
1926
1928
1930
1932
1934
1936
1938
1940
1942
1944
1946
1948
1950
1952
1954
1956
1958
1960
1962
1964
1966
1968
1970
1972
1974
1976
1978
1980
1982
1984
1986
1988
1990
1992
1994
1996
1998
2000
2002
2004
2006
2008
2010
2012
2014
2016
2018
2020
2022
2024

CARTA DE S. FR.CO XAVIER A EL-REI D. JUAN III EM QVE LHE PROPHECIZA A MORTE/ DE S. FRANCISCO XAVIER EM 26. DE IANEIRO/DE 1549//

em que S. Francisco Xavier profetiza a morte de S. Francisco Xavier, em 26 de Janeiro de 1549, num caixilho de prata em forma de livro, realizado em 1636, na Casa Professa de S. Roque. Na primeira folha, há um retrato do Santo, feito de uma gravura de Jerónimo Wierx; no verso da segunda folha, encontra-se, dobrada em quatro, uma carta autógrafa de S. Francisco Xavier, posteriormente cortado um bocado. O retrato do Santo está protegido com vidro.

MIR

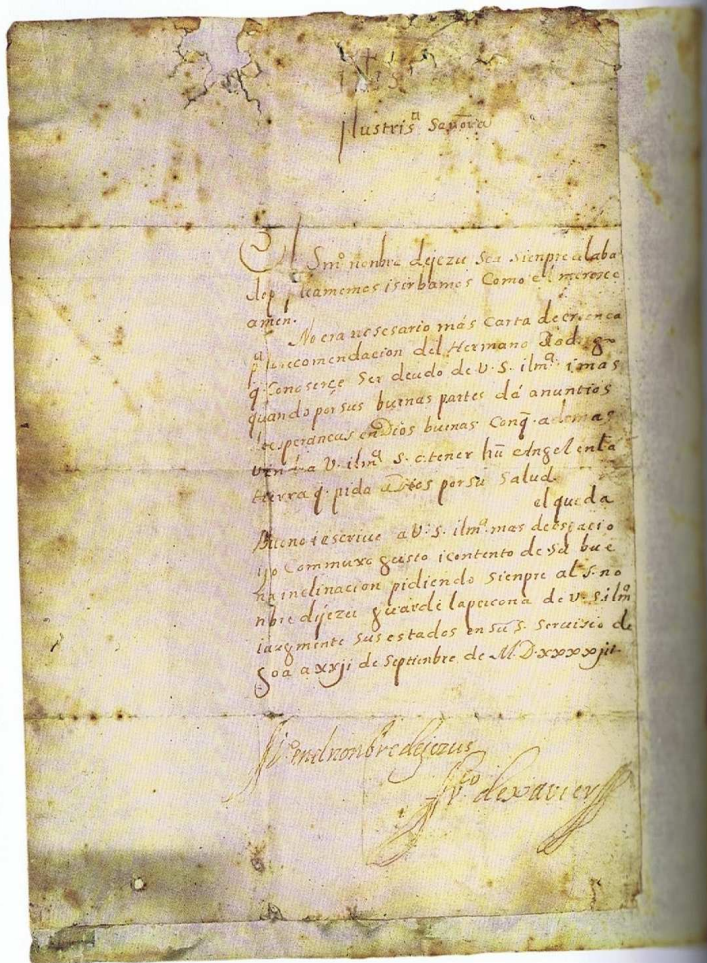
"Arquivo de Culturas". Lisboa, 1994, p. 283.



92



V. 95.
Carta autografa
de S. Francisco Xavier
Lisboa, col. MNC



Carta, lacrada com o monograma "IHS", escrita em espanhol. Recomenda o "Irmão Rodrigo" a uma "Ilustríssima Senhora". Assinada "Francisco de Xavier".

V. 96.
Bota – fragmento
Século XVI
Couro
30 cm
Coimbra, SJ

Fragmento de bota que, segundo a tradição, terá pertencido a S. Francisco Xavier. Há testemunhos, a partir de 1577, da existência de um português, Francisco de Aguiar, por alcunha o "Piloto das Botas", porque, assistindo ao enterro de S. Francisco Xavier, se apropriou de uma das botas e a conservou como relíquia; essa bota existia em Lisboa no séc. XVII (1616). No séc. XIX, passou para a posse da Companhia de Jesus e, em 1925, figurou na exposição missionária do Vaticano. Tem, hoje, o aspecto modificado por, através dos tempos, lhe terem sido cortados fragmentos para constituição de relíquias. **MIR**
In "Encontro de Culturas". Lisboa, 1994, p. 282.

V. 97.
Campainha
Século XVI
Metal
15 cm
Lisboa, SJ

Campainha em forma de campânula lisa com cabo balaustiforme de remate esférico. Segundo a tradição, terá pertencido a S. Francisco Xavier. Há notícia de que, já em 1620, era venerada como relíquia do Santo na Casa Professa de S. Roque, em Lisboa. **MIR**
In "Encontro de Culturas". Lisboa, 1994, p. 281.



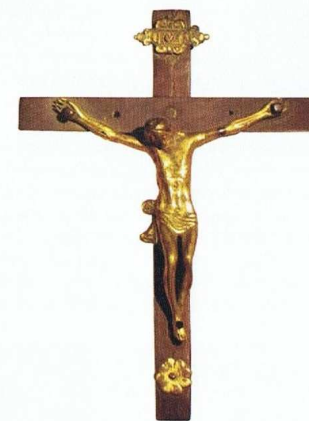
Durante todo este tempo, ensinei a doutrina cristã às crianças e cristãos recentemente convertidos à fé. Com a ajuda de Deus Nosso Senhor, fiz muitas pazes entre soldados e habitantes da cidade. E de noite, ia pela cidade com uma campainha, encomendando as almas do purgatório, levando comigo muitos dos meninos a quem ensinava a doutrina cristã.
FRANCISCO DE XAVIER, In Carta de Amboino, no arquipélago das Molucas, aos Jesuítas da Europa. Amboino, 10 de Maio de 1546. **CSFX**, p. 29.



V. 99.
Cruz de metal
com dois pendentes
Século XVI
Com monograma IHS,
contendo uma pedra dura
12 x 1 cm
Lisboa, col. RD



Segundo a tradição este crucifixo terá sido oferecido ao Santo Inácio de Loiola a S. Francisco Xavier; posteriormente pertenceu ao Padre Luís Gonçalves da Câmara, Secretário de Santo Inácio, mantendo-se na posse de sua família desde então.



V. 100.
Sinete
Pedra dura com "FX" em prata
9 x 5,6 cm
Belas, col. RD



101.
S. Francisco Xavier
essuscitou um chefe de casta

Manuel Henriques
1640-1650
Pintura a óleo sobre tela
174 x 171 cm
Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, Coimbra

Um miraculoso evento ocorrido em Ceilão no ano de 1541 com a ressurreição de um líder religioso hindu muito estimado das populações foi ensejo para que André Reinoso pintasse, na sacristia de S. Roque, uma das mais deslumbrantes peças do Museu Nacional de Arte Antiga. O Padre Manuel Henriques, pintor de fracos recursos,

limita-se nesta sua pintura narrativa a inspirar-se no tema de Reinoso e a tratá-lo sem chama, de modo simplificado, a fim de integrar um dos muitos ciclos narrativos que pintou para casas da Companhia com a vida dos seus santos fundadores. Esta simplificação iconográfica do milagre de Ceilão tem o acrescido interesse de documentar uma rápida, mas doutrinariamente eficaz, banalização da fórmula: em dado momento, o aspecto catequético era, com toda a evidência, mais importante que o artístico. Por isso, muitos dos ciclos xavierianos de igrejas jesuíticas, do Funchal a Goa, sendo com toda a evidência muito débeis em termos picturais, não deixavam de ter a clareza e a funcionalidade pretendidas para assumirem um papel importante de catequização.

In "S. Francisco Xavier", Tóquio, 1999, p. 72.



Após três meses saí desta cidade de Maluco para visitar as ilhas que ficam 60 léguas, chamadas ilhas de Maluco. Na verdade, encontravam-se nelas muitos moradores de cristãos e havia muitos dias que ninguém os visitava, não só por estarem muito longe da costa, como por os indígenas terem matado um cristão que lá fora.

Nestas ilhas, baptizei muitas criancinhas que achei por baptizar. Demorei-me nelas, três meses. Neste tempo, visitei todos os lugares de cristãos. Consolei-me muito com eles e eles comigo.

A terra é muito frugosa. Tudo são serras e muito caminhos de percorrer. Faltam mantimentos para

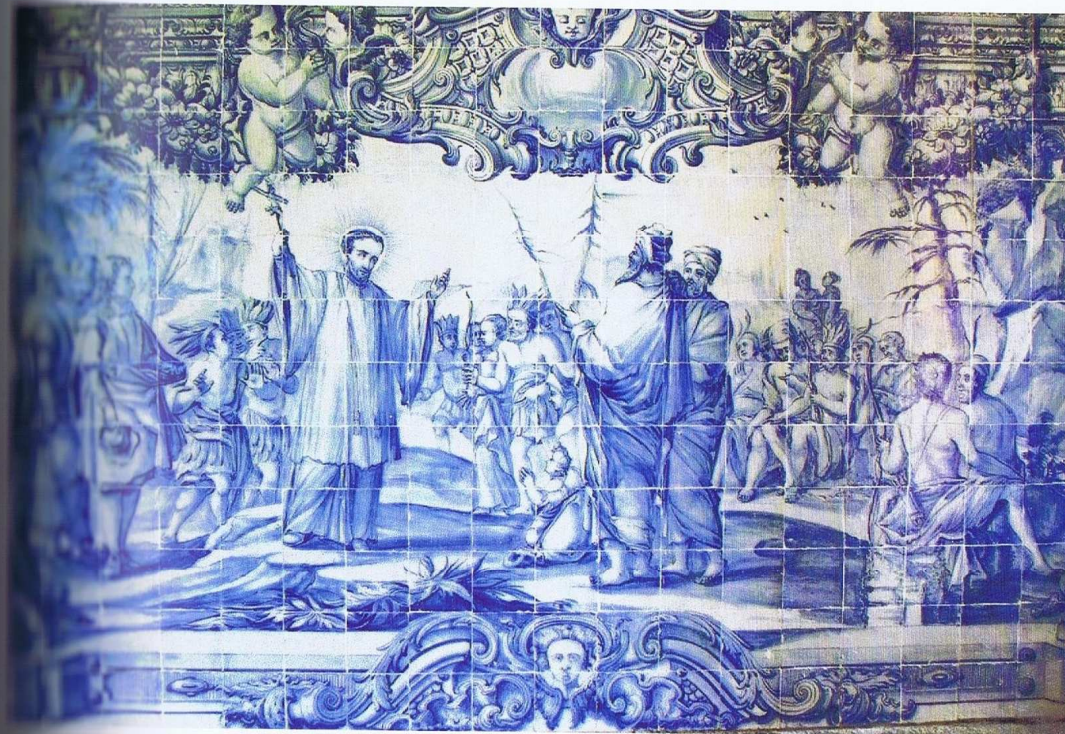
o corpo. Trigo e vinho de uvas, não sabem eles que coisa seja. Não há carne nem gado nenhum, a não ser porcos, por grande milagre. Porcos monteses há bastantes. Muitas aldeias não têm água boa para beber. Arroz, há em abastança e, também, muitas árvores chamadas saqueiros, que dão pão e vinho, além doutras árvores de cuja casca fazem vestidos de que todos se vestem.

Nunca me recordo de ter tido tantas e tão continuadas consolações espirituais, como nestas ilhas, e tão pouco sentimento dos trabalhos corporais, andando, eu, sempre, por ilhas cercadas de inimigos e povoadas de amigos pouco seguros, e por terras onde faltam

todos os remédios para as doenças do corpo e quase sem nenhuma ajuda das criaturas para a conservação da vida. É melhor chamar-lhes ilhas de esperar em Deus e não ilhas de Moro.

Nestas ilhas, há um povo chamado de tabarus. São gentios e põem toda a sua felicidade em matar quantos podem. Dizem até que, muitas vezes, assassinam os próprios filhos ou as mulheres quando não encontram a quem matar. Matam muitos cristãos.

FRANCISCO DE XAVIER
In Carta escrita de Cochim, para os Jesuítas de Roma. Cochim, 20 de Janeiro de 1548.
CSFX, p. 53



Francisco Xavier pregando na Índia. Painel de azulejos, séc. XVIII. Viana do Castelo, Perre, Capela do Senhor do Regato.

Ver capítulo de Rafael Moreira sobre D. Álvaro de Castro.

(48) G. Correia IV, 590: "porque todos fossem com ele laureados...".

(49) G. Correia, IV, p. 590.

(50) Idem, nota anterior.

(51) Idem, p. 569.

(52) A existência deste quadro foi assinalada por Rita Rodrigues durante a pesquisa conducente à sua dissertação de Mestrado, Martim Conrado, "Insigne pintor estrangeiro" – um pintor do séc. XVII na Ilha da Madeira, Funchal, 2000 (ver p. 28). A atribuição

é de Vítor Serrão, que inclui a reprodução de um pomenor do quadro em "Tendências da pintura portuguesa na segunda metade do séc. XVII", in "Bento Coelho e a Pintura do seu tempo (1620-1708)", Lisboa, IPPAR, 1998, p.61.

(53) A ideia de que a série de episódios da vida de S. Francisco Xavier, existente na sacristia de S. Roque, pintada em grande parte por André Reinoso, e tendo como mentor o padre Diogo de Arede, lançou as bases para a iconografia do santo, numa iniciativa que antecede mesmo o processo de canonização, é defendida por Vítor Serrão no artigo "Quadros da vida de S. Francisco Xavier", Oceanos n.º 12, Novembro de 1992, pp. 56-69 e no texto deste catálogo "A iconografia de S. Francisco Xavier na pintura portuguesa do séc. XVII".